

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS, LINGUÍSTICAS,
HISTÓRIAS E CULTURAS**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso


UNEMAT
EDITORA


EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura


CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico (impressa)

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2015 / Unemat Editora
Impresso no Brasil - 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

ISSN: 1806-0331 (*Impressa*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT : Unemat Editora, 2016.

249 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jul 2015 - Dez 2015). Vol. 19, ano 12, n. 2 (2015)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000
Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marque do Amaral

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

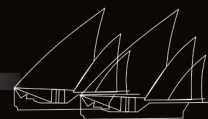
Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECOS

LINGÜÍSTICA


 IDENTIDADE: REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA¹

IDENTITY: REPRESENTATION DISCURSIVE

 Marlon Leal Rodrigues²

Período de recebimento dos textos: 01/06/2015 a 30/09/2015

Data de aceite: 30/10/2015

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. (ORLANDI, 2001: 100)

Resumo: Propomos nesta reflexão analisar a representação “discursiva” da “posição sujeito” (ORLANDI, 2001) negro cotista da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, da Unidade Universitária de Nova Andradina. Uma das questões que se coloca diz respeito ao que significa compreender o sentido de cotas que migrou de uma “discursividade” (Idem) de demandas sociais para um espaço cujo sentido histórico se refere ao mérito enquanto sustentá-lo de organização e funcionamento. A representação discursiva se coloca a partir do que se denomina de espaço do “cotidiano” (RODRIGUES, 2011: 93).

Palavras Chave: Discurso; Negro; Sentido; Posição sujeito.

Abstract: We propose this reflection to analyze the “discursive” representation of the “subject position” (ORLANDI, 2001) unitholder black man of the State University of Mato Grosso do Sul, UEMS, at the *campus* of Nova Andradina. One question that arises concerns the meaning to understand the meaning of quotas that migrated from a “discourse” (Idem) social demands for a place whose historical sense refers to the substance while sustaining it of organization and operation. The discursive representation arises from what is called space “daily” (RODRIGUES, 2011: 93).

Keywords: Discourse; Black man; Sense; Subject position.

1 Este texto é parte de minha pesquisa de supervisão de pós-doutoramento no IEL/UNICAMP, supervisionado pela Prof. Dra. Eni P. Orlandi em 2009.

2 Professor Dr. Em linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul - (NEAD/UEMS)

Introdução

A proposta deste trabalho é uma análise da representação “discursiva” da “posição sujeito” (ORLANDI, 2001) negro cotista a da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, da Unidade Universitária de Nova Andradina. Uma das questões que se coloca diz respeito ao que significa compreender o sentido de cotas que migrou de uma “discursividade” (Idem) de demandas sociais para um espaço cujo sentido histórico se refere ao mérito enquanto sustentá-lo de organização e funcionamento. A representação discursiva se coloca a partir do que se denomina de espaço do “cotidiano” (RODRIGUES, 2011: 93)

lugar imune as identificações “individuais” - com identificação de RG - registro de identidade e CPF - cadastro de pessoa física - ou saber quem ocupa/ocupou esta ou aquela posição discursiva e tudo que pode acarretar para o sujeito que ocupa um lugar na ordem do discurso de forma visível.

Este espaço de imunidade relativa de identificações garante a “invisibilidade” das enunciações do sujeito, o que pode protegê-lo em alguma medida dos riscos e perigos de se inscrever na “ordem do discurso” (ORLANDI, 1999) de enunciações regradadas, controladas e vigiadas quer pelo outro, pelo “pré-construído” (PÊCHEUX, 1997) no formato de preconceito, estigmatização, valores e também pelo próprio Estado quando a enunciação afronta a posição de classe dominante que o Estado defende.

Nesse sentido, a compreensão da constituição do espaço acadêmico coloca a questão da “identidade e/ou identificação” (RODRIGUES, 2007) dos sujeitos que pelo espaço é interpelado ou ainda que pela identidade e/ou identificação os sujeitos que nele emerge ou ainda, sujeitos que estrategicamente passam por ele “sem se deixar” afetar pelos sentidos das cotas o que não quer dizer que há algum tipo de “imunidade”, mas simplesmente uma resistência tensa dos sentidos. Pode-se considerar, em algum aspecto, que a relação tensa entre o discurso interplatório das cotas do espaço acadêmico e a posição sujeito candidato ao ingresso na universidade faz emergir ou ressignificar ou significar toda uma historicidade das “formações imaginárias” (PÊCHEUX, 1997) de quem é ou não é negro, uma relação entre o “objeto do discurso” RODRIGUES: 2011) – o tema: as cotas – e a referência material – traços fenotípicos: tonalidade da pele, tipo de cabelo, traços faciais etc. -, ou seja, nas formações imaginárias do discurso do senso comum e o da academia (também não há um discurso simétrico) que, por exemplo, a tonalidade de pele morena mais clara, o sujeito pode ou não se reconhecer como negro. Esse reconhecimento de ser negro possui uma historicidade em que há toda uma discursividade que significa o negro como uma posição social negativa, motivo que dependendo da tonalidade da pele e outros traços fenotípicos, não há uma identificação em ser negro.

Esse fato pode ser constatado nas certidões de nascimento em que o sentido de pardo, moreno escuro ou moreno clara dá o efeito de sentido que trata-se de categorias fenotípicas diferentes de negro, mas que na ordem do cotidiano e na ordem do político, há um conhecimento no senso comum e no discurso

científico que as categorias moreno, moreno escuro e pardo são resultados de casais de posição fenotípicas distintas que desde a invasão dos portugueses vem ocorrendo ao longo da história do Brasil, nos porões dos navios vinda da África, nas senzalas e mais recentemente nos quatinhos de empregadas etc.

A partir dessas considerações, a proposta é analisar em que medida o discurso das cotas interpelou o sujeito em sua possível posição de negro ou não. Em que medida os sentidos dessa “interpelação” (PÊCHEUX, 1997) afetou – desestabilizou ou não – a identidade do negro para se constituir em cotista. Isso por que nem todos os alunos que se inscreveram pelas cotas, ou seja, ocupam a posição sujeito de cotista na UEMS ou não se identificam como negros. Há outros que com o discurso da cotas são afetados e passam a se representar como negros em uma relação tensa dos sentidos. É importante ressaltar que o jogo de identidade/identificação coloca em questão a representação histórica de si mesmo e a do outro, o não-negro. Assim, quem são os negros? Como são representados? Como eles se representam? Quais discursos que circulam a respeito deles? Analisar o sujeito no âmbito de seu dizer é considerá-lo “mascarado” pela não-transparência de suas práticas e os efeitos de sentido que delas demandam.

Enunciados para Análise

- (03) “pois o branco em si já se considera superior”;³
- (04) “com um curso superior então, mas isso é clara, não significa que o negro é inferior” Jamais!”;
- (07) “eu acho errado, pois a inteligência não deve ser medida pela intensidade da pele”;
- (10) “me senti e realmente entendi que sou negra e tenho valor”;
- (11) “me perguntaram ou chamavam morena ou moreninha, agora eu já interrompi e digo sou negra mesma!”;
- (12) “não, só a raça, agora em sinto negra realmente e com muito orgulho”;
- (14) “é o orgulho, povo guerreiro, sou afro mesmo, apesar de tudo que eu como negra, tenho que enfrentar como: preconceitos, olhares, piadas, etc.”;
- (16) “sim, tem vergonha se ser negros”;
- (17) “cabelo ruim, boca grande, bunda grande, mão grande, etc. ... característica de negros hoje em dia todo mundo tem”;
- (19) “sim, pois não tem como fugir disso”;
- (20) “se eles querem realmente se assumir, assumem. ou se acham preconceito passam a (u) se (reco) auto discriminar e não querer ser negro”;
- (21) “os alunos da minha sala pelo menos não demonstram [incomodo]”;
- (22) “não só com negro, mas também como pessoa, ser humano é importantíssimo”;
- (23) “com ar de inferioridade, como se os cotistas fosse inferior, “ah! Você é cotista?””;
- (24) “sim, melhorou me sinto realmente negra”;

3 Por questões metodológicas, a numeração dos enunciados foi mantida a mesma da tese. Todas as demais

- (29) “não tenho vergonha de mina cor ao contrário acho muito bonita”;
- (30) “conviver com dificuldades maiores que as normais, conviver co o preconceito , mas nunca deixar nos abater . Somos negros c/ orgulho”;
- (31) “a cor, o cabelo”;
- (32) “não, não tenho vergonha de ser negro”;
- (39) “não, não no sentido de “tratamento” todos somos tratados igualmente uns aos outros”;
- (44) “não até o ingresso na universidade, mas não gerou preconceito comigo mesma”;
- (45) “se negro é ser braleir, não gerando preconceito c/ o próximo”;
- (47) “no meu ponto de vista nenhum ser é considerado, ou se quer “marcado” num sentido amplo como negro, vemos assim o ser negro uma pessoa igualmente outras não importando assim raça, cor ou religião”;
- (50) “não, pois me sinto com se estivesse entrado pelas vagas gerais , não são as cotas q/ vão por si dizer o que sou ou deixo de ser”;
- (53) “acho que o negro em si , se considerar negro de maneira nenhuma de3ve se submeter a qualquer exposição. Sendo assim não existe possibilidade de dizer que é ou quem deixa de ser negro hoje”;
- (55) “não sendo ou não cotista me vejo como um ser normal independente de minha cor ou raça”);
- (57) “não, pois somos todos tratados sem preconceito pelos amigos”;
- (60) “é uma oportunidade de capacitar-se para melhor viver na sociedade como pessoa, cidadão que contribui qualitativamente no crescimento do ser humano”;
- (62) “porém, o negro é tido como inferior, tendo um curso superior possibilita-o a descoberta de suas potencialidades e resgate de sua dignidade”;
- (65) “sinceramente não gostei pelo sistema de cotas, pois via como algo pejorativo, como que uma chance a alguém que julga-se incapaz de ser aprovado. Desconhecia as políticas de reparação, digo, reparação histórica em sua amplitude”;
- (68) “não, pois vejo-me de forma bastante positiva diante de um contexto social que convivo. Vejo confirmar minhas convicções e auto-estima”;
- (69) “até minha adolescência (16 anos) não, pois não me acutava. A partir de experiências positivas de acutação e amor pelo minhacor, raça ... passei a ver-me e assumir como negra e c/ estima”;
- (70) “é algo natural pois p/ mim ser negra é algo natural e belo e c/ liberdade inteira p vivo junto dos demais mesma gdo. Depero-me c/ atitudes de discriminação social ou atitudes semelhantes”;
- (71) “quero conhecer mais sobre as cotas – princípios, motivações, p/ melhor opinar. A princípio agrediu meu ser enquanto negra não só no contexto de universidade mas num tudo enquanto sociedade; após outra informações possui a ver-me de forma natural”;
- (72) “sua dignidade de negro”;
- (74) “sim, [as cotas] ajudam-nas a se assumirem se verem como negras descendentes”;
- (75) “sim, e como algo positivo; na salas de aula querem saber se optou ou não

peã cota”;

(78) “não. Primeiro eu mesml não me ajõ achava negro, depois sou mais reserva- do com relação os aos movimento”;

(80) “sim, pois muitas (vezes) vezes nós mesmos temos preconceito de nós mes- mos. Eu sou negro e ponto”;

(81) “muitas vezes não, até porque negro muitas vezes não são bem vistos”;

(82) “é ser primeiro filho de Deus, depois é só alegria”;

(84) “sim, até por que muitas vezes temos medos de nós colocar como negros. Fica numa situação como se nós fos tivéssemos privilégios”;

(85) “muitas vezes não é só a cor, mas tem sua origem, sua história ... pois ser negro é ter origem, é ter históira e também sua cor, sua geração e (ett) etc.”;

(86) “sim, pois os negros começam mostra a sua cor, a sua história não de escra- vo, das drogas, das roupas, das mortes, mas sim de de verdadeiras formadores de opinião, através de sua proceso na sociedade”;

(87) “sim, pois foi me no meu caso, eu tinha dúvida de minha cor ou raça”;

(88) “no início sim, pois eu estava com vergonha de diz que eu entrei pela cotas, mas hoje eu não tenho num problema em dizer que eu sou negro e que entrei como cotista”;

(102) “eu sempre me vi como negra eu sei que não sou branca não tem nem o que questionar a respeito disso meu pai é negro também ao meu ver já a minha mãe é braça. Eu me orgulho por ser negra eu em amo assim e sei que também sou amada”;

(103) “ser negro para mim é ter o direito que as outras pessoas têm como por exemplo se uma doutora e não somente uma empregada porque ser negra ser aos aos olhos humanos assim com Deus nós vê a sua semelhança”;

(105) “acredito que as pessoas se concientizem disse e acabam percebendo que não são brancas e sim mais puxando para a cor negra a sua tonalidade de pele”;

(106) “sim, as pessoas estão se aceitando melhor”;

(108) “sua auto estima, sobe”;

(111) “já que existe a possibilidade de conquista e sou negra, porque não?”;

(116) “pra mim o que importa não é ser cotista – o grande lance é que sou, o po- bre que não tem vez então: ser pobre, negro, índio ou mulher é o de menso bem seri que cada classe social adquirisse consciência s/ luta juntos por algo concreto e não algo fragmentado”;

(117) “se negro afro-descendente é tão [há uma palavra rasurada ilegível] comum como ser europeu-descendente, americano-descendente não veja diferença só que cada um no seu contexto de história de vida”;

(119) “olha o que existe é uma grande confusão em relação a ser negro ou não”;

(120) “a sua descendência mesmo que a pessoa tenha a pele um pouco mais cla- ra”;

(122) “sim , tem gente que negro ainda tem que p/ censala , mas isso é ignorância profunda de quem não tem o que dizer”;

(125) “já uma academica falou que mesmo na universidade o negro é ralé”;

(127) “o tom da pele”;

- (129) “sim elas comentam, a questão das confusões de cor e raça e as [palavra rasurada] polêmicas [palavra rasurada] políticas”;
- (130) “positiva pois eles levaram em consideração a mina raça [palavra rasurada] dentro de um contexto histórico e real dentro da sociedade brasileira e local principalmente”;
- (131) “de acordo com a história de colonização e as economias e seus processos do dominante “Europeu”, negro afro-descendente é de origem da África”;
- (133) “os traços físicos, a cor e acima de tudo as relações que ela trata como prioridades [palavra rasurada] dentro da cultura e da relisidade dentro da sua comunidade”;
- (136) “jamais continuo me vendo da mesma forma”;
- (137) “sim, pois eu detesto ser chamada ãe de “morena” eu sou negra com orgulho”;
- (139) “negro é a raça afro-descendente é se da família de negros”;
- (143) “derepente sua cor de pele”;
- (146) “com certeza pois antes das cotas “todos” se consideravam não negros”;
- (150) “muitas pessoas se achavam brancas, mas quando começaram a ler [sobre as cotas] sobre este assunto mudaram à sua concepção”;
- (152) “sim , além de que você é negro precisa possuir um grau de conhecimento e precisar tbem ser superior para ser alguém proque na sociedade negros e visto com um Zé ninguém”;
- (155) “cabelos crespos e pele escura o povo já me chame se gde Negona ou Negra se pequena Neguinho ouoNeguinh”;
- (157) “há pessoas pardas que jamais se consideram como negra”;
- (158) “não jamais , porque assumo que sou , só que ã gosto de comentário quem tem os seus guarda para . si , já que sei disso não precisa de ninguém ficar lembrando fique porem cada um em seus devidos lugares”;
- (162) “o negro em nossa sociedade geralmente é encarado com o vagabundo. Algo histórico”;
- (170) “não, muitos ainda não se consideram negros”;
- (171) “sim, ele está asumindo a sua realidade”;
- (173) “[duas rasuras] Sim, me vejo muito melhor”.

Análise dos Dados

Os grupos de enunciados – enquanto paráfrases uns dos outro em maior ou menor relação de sentidos - em seu conjunto se configuram em diversas unidades de sentidos, que dada às questões da pesquisa pode-se considerar como “unidades de sentidos” (RODRIGUES, 2011) que articulam discursos sobre a identidade/identificação marcados pela tensão dos sentidos na/pela história da posição sujeito do negro no Brasil.

Os discursos analisados a seguir representam um dos aspectos da polêmica identitária do negro, sua historicidade em relação a si mesmo e ao não-negro europeizado, uma tensão silenciosa que coloca a alteridade – o negro e o não-negro europeizado - em constante conflito identitário de quem é ou não é

negro. Essa consideração é importante não apenas para a questão de identidade, mas, sobretudo porque os espaços sociais e políticos são regradados e selecionados por sistemas de controle desenvolvidos na luta de classe pelas elites que significa positivamente os sujeitos, circunscreve sentidos na medida em que silencia e combate outros, no entanto, sentidos e sujeitos “sem” espaço e “sem” “voz” - “in-significados” (ORLANDI, 1999) - em decorrência da relação tensa entre o acontecimento e a memória discursiva; quando esse na disputa na ordem do político não consegue “impor” ou se estabilizar na ordem do discurso.

No entanto, discursos e sujeito in-significados não quer dizer não existam, representa que não encontraram condições materiais de existência para se “impor”, na luta de classe, seus sentidos e assim marcar sua existência material “rompendo” as barreiras da memória e se estabelecendo diante dela e a despeito dela (a memória e os sistemas de controle). Pode-se dizer que a identidade do negro, em primeira instância, e a identidade/identificação do brasileiro, em segunda instância representam essa disputa no nível do discurso e na luta de classe.

Representação Discursiva Si

- (10) “me senti e realmente entendi que sou negra e tenho valor”;
- (11) “me perguntaram ou chamavam morena ou moreninha, agora eu já interrompi e digo sou negra mesma!”;
- (16) “sim, [o negro] tem vergonha se ser negros”;
- (45) “se negro é ser braleir, não gerando preconceito c/ o próximo”;
- (80) “sim, pois muitas (vezes) vezes nós mesmos temos preconceito de nós mesmos. Eu sou negro e ponto”;
- (82) “é ser primeiro filho de Deus, depois é só alegria”;
- (102) “eu sempre me vi como negra eu sei que não sou branca não tem nem o que questionar a respeito disso meu pai é negro também ao meu ver já a minha mãe é braça. Eu me orgulho por ser negra eu em amo assim e sei que também sou amada”;
- (103) “ser negro para mim é ter o direito que as outras pessoas têm como por exemplo se uma doutora e não somente uma empregada porque ser negra ser aos olhos humanos assim com Deus nós vê a sua semelhança”;
- (139) “negro é a raça afro-descendente é se da família de negros”.

O discurso de representação discursiva de si se dá na relação e somente com o outro, no entanto não se trata de qualquer outro como uma simples especificação de sentidos, posição sujeito, marcados pela diferença ou pela oposição, pois dessa relação é importante considerar duas questões: a) sentidos que são parafrásticos possuem a possibilidade de estabelecer relações de identidade/identificação ao tema do discurso; b) sentidos marcados pela diferenciação estabelecem relações de oposição de identidade/identificação em relação ao tema do discurso. No entanto, ambas as relações de sentidos

“parafrásticas” (ORLANDI, 1999) ou de oposição são constituída por um mesmo tema do discurso: a imagem do negro que possui de si e a imagem que o não-negro possui dele.

Essas considerações são importantes para compreender a representação discursiva que o negro possui de si, representação construída na tensão histórica dos sentidos desde a invasão dos portugueses no Brasil e das sucessivas vindas de estrangeiros por diversos motivos.

A representação discursiva de si é em grande medida um “jogo tenso” dos sentidos em que o reconhecimento, a negação, a afirmação, a reivindicação são posições disputadas para afirmar, silenciar ou mesmo negar sentidos sobre a identidade/identificação do negro para outra se sobressai. Nesse sentido, segue alguns enunciados sobre o “processo discursivo” (PÊCHEUX, 1997) que o negro enuncia de si que contém a representação do seu outro, o não-negro.

No enunciado (10) “me senti e realmente entendi que sou negra e tenho valor” pode-se considerar três unidades de sentidos: (a) “me senti (...) que sou negra”, (b) “realmente entendi que sou negra”, e (c) “tenho valor”.

Na unidade (a) marca o sentido de uma percepção sensitiva/perceptiva de si, pois o verbo “sentir” se refere a um gesto de constatação em relação a um referente que é a corporeidade do próprio sujeito simbolizada e significada, pois, a primeira pessoa do verbo e o uso do pronome “me” implicam em um movimento voltado para si mesmo, no entanto, o sentir é também uma pressão de sentidos do outro que pode ser da mesma posição de negro ou da posição de não-negro, ou seja, uma pressão a partir do debate das cotas ou das políticas afirmativas e da própria identidade/identificação em que é “convocado” a responder por sua posição quer na ordem do político quer na ordem do cotidiano pelo discurso do Estado.

A unidade de sentido (b) significa um tipo de compreensão de si mesmo, uma percepção de sentidos que não diz respeito apenas ao entendimento ou a aceitação do que é ser negro não a partir de si mesmo, mas a partir de um outro que lhe procura identificá-lo ou significá-lo como negro, pois o sentido do verbo entender implica em uma relação constitutiva, relação de alteridade tensa de reconhecimento de si considerando necessariamente o tipo de reconhecimento do outro.

O uso da categoria discursiva advérbio “realmente” implica um assumir-se também, que se constitui a partir de uma negação anterior de si ou não compreensão/aceitação dos sentidos de sua posição de negro. Possui um efeito de autoaceitação tenso pelo efeito de “realmente”. O sentido da categoria advérbio, ainda, remete também a algo de “fato” em uma relação entre o tema do discurso e o objeto/referência. Remete ainda a algo que “todos” reconhecem como “verdadeiro” considerando características fenotípicas de si mesmo e aquilo que o outro considera dele, isso se refere ao como o sentido se representa: a partir dos traços fenotípicos e a forma como ele é significado, negado ou assumido ou ainda um sentido imposto pela tensão. Assim, a categoria discursiva advérbio representa um reconhecimento do próprio sujeito no jogo tenso em que a

aceitação implica em mudar de posição para quem antes provavelmente não aceitava os sentidos de ser negro.

Na unidade (c) do enunciado que é o desfecho de uma sequência de duas unidades anteriores, pode-se considerar que é ainda um reconhecimento de si mesmo com um sentido atributivo que visa sobrepor ao outro, não-negro, que significa o negro negativamente. Afirmar que possui “valor” é em grande medida disputar um tipo de espaço social de igualdade de sentidos, é se inscrever e/ou quer ser inscrever em um espaço de representação positiva. Essa afirmação de si marca uma relação tensa de reivindicar um certo tipo de sentido, pois a prática de reivindicar algo de si ou para si é possível na medida em que esse algo é negado para o sujeito que está em posição de defasagem de sentidos de representação política e identitária.

O enunciado em sua sequência de unidade de sentidos, produz um efeito de sentido de gradação. Pode-se considerar o uso da categoria discursiva dos verbos: “sentir”, “entender”, “ser” e “ter” possuem como ponto de referência o próprio sujeito. Ao enunciar sobre sua posição sujeito, o verbo “sentir” significa uma percepção sobre si, um reconhecimento de sua corporeidade simbolizada e marcada pelos sentidos históricos de negatividade; traços fenotípicos de negro. O verbo “entender”, que é precedido do “sentir”, vem confirmar sentidos anteriores de “aceitação”, pois, “entender” precede ao aceitar certos sentidos que passa por um movimento interno ao sujeito de significar-se que remete ao entendimento, a compreensão do discurso de si. Já o verbo “ser” marca uma posição assumida, um sentido de existencialidade diante do outro e de si – “sou negro diante de mim e do não-negro” -. O clímax desse processo enunciativo – uso do verbo “ter” - é a afirmação de que possui algo para impor diante do outro, e da representação de si – “tenho valor” -. Assim, o enunciado (10) marca uma posição de representação discursiva de ser negro que pressupõe uma relação tensa de sentidos consigo mesmo e com o não-negro.

Os enunciados: (16) “sim, [o negro] tem vergonha se ser negros”; (80) “sim, pois muitas (~~vezes~~) vezes nós mesmos temos preconceito de nós mesmos. Eu sou negro e ponto” marcam os sentidos representacionais que o negro possui do próprio negro, uma construção histórica de significações, no entanto, do enunciado (16) para o (80) há uma progressão de posições, pois no (16) há uma afirmação categórica pela inscrição da categoria discursiva advérbio de afirmação – unidade de sentido “sim” - e na sequência a explicitação – unidade de sentido “tem vergonha de ser negro”.

Já no enunciado (80) há uma desestabilização do enunciado (16), pois, a unidade de sentido em (80) - “pois muitas (~~vezes~~) vezes nós mesmos temos preconceito de nós mesmos” - afirma que o negro possui preconceito de si mesmo o que significa uma negação e um não reconhecimento de sua posição de negro. Não trata-se de um tipo de preconceito em relação ao não-negro, mas ao próprio negro. É um tipo de preconceitos às avessas, pois, o preconceito de forma geral marca uma relação de poder sobre o outro, de se colocar no nível superioridade, no entanto, o sentido de preconceito negro não é em relação ao

não-negro, mas em relação a si mesmo, uma forma de negação de si e de sua representação discursiva corpórea na relação com o não-negro. É o efeito de sentido do preconceito do não-negro assumido pelo negro.

É possível considerar assim o movimento do sujeito, em (16) sua enunciação se dá pela categoria discursiva da terceira pessoa singular, isso significa que ele se coloca a distância para discursivizar do outro negro que é ao mesmo tempo de si mesmo. Demanda um efeito de crítica que é também uma certa posição discursiva do não-negro que afirma que o preconceito inicia com/no próprio negro no discurso do senso comum: “o negro é o primeiro a ter preconceito”.

A unidade de sentido em (16) “tem vergonha se ser negro” é significativa nesse processo de identidade/identificação, pois a categoria discursiva “vergonha” não possui toda a significação em si, ela pede uma especificidade para completar o seu sentido. “Vergonha” de algo ou de alguém. A categoria “vergonha” dada às condições de produção do discurso e considerando a posição sujeito do enunciatário, significa opróbrio, desonra por um certo tipo de relação do sujeito na ordem do político ou na ordem do cotidiano, uma relação discursiva do negro consigo mesmo, considerando a existência material e/ou corpórea que constitui em marcas e traços fenotípicos da categoria gênero humano no processo político de simbolização. Em outras palavras, há uma “determinação” genética que faz o homem ser o que é. No entanto, ela não se constitui por si só uma questão identitária de uma certa obviedade ou objetividade dos sentidos, a questão da identidade/identificação é uma posição sujeito na relação social e histórica com o outro, uma questão de reivindicação, de disputa, de atribuição, de reconhecimento, de autoafirmação, de negação, enfim, é o “movimento do sujeito na história” (ORLANDI, 2001), pois, a “atribuição” ou “autoatribuição” de uma identidade/identificação não possui algo que seja necessariamente próprio, como uma relação direta com o “real”, ela se constitui no jogo de sentidos da luta de classe, uma relação seja na ordem do cotidiano ou na ordem do político.

Nesse sentido, é possível considerar que o sentido de “vergonha” é uma atribuição de sentidos do não-negro pelo discurso de deformidade – ele precisa significar menos para ter vergonha de si - em primeira instância pela materialidade fenotípica que se apresenta enquanto realidade na prática de identificação; em segunda instância pela relação de força de poder nas disputas políticas e sociais, ou seja, os sentidos são em alguma medida efeitos dos embates sociais pelos/nos espaços políticos.

Assim, a unidade de sentido do enunciado (16) se constitui de um sentido que coloca o negro em um determinado espaço social regrado de sentidos, de valores, de movimentação, o que lhe “diz” um conjunto de práticas discursivas que de certa forma o silencia em sua trajetória histórica, restringindo inclusive a sua enunciação. Pode-se considerar que o sentido de “vergonha” também é um efeito de sentido do não-negro europeizado sobre o negro na constituição histórica do Brasil, pois, os sentidos positivos emergem de uma posição sujeito de uma herança europeizada de dominação e exploração.

Nos enunciados a seguir, será destacado algumas unidades de sentidos que representam a forma diversa em que o negro se reconhece, se afirma na relação com o não-negro.

A unidade de sentido do enunciado (11) “digo sou negra mesma!” pode-se considerar a tensão na relação com o outro, é uma afirmação impositiva com certa expressividade marcada pelo valor da categoria do verbo “dizer” - primeira pessoa do singular - e isso é enunciar para o outro, diante dele alguém de si. O verbo “ser” na sequência marca a existencialidade do que se afirma – ser negro – cujo uso do pronome marcado pela interjeição vem recobrir de sentidos das palavras anteriores com efeito de imposição, afirmação tensão com convicção.

No enunciado (45), a unidade de sentido “se negro é ser braleir” refere-se a uma identidade/identificação cujo efeito de sentidos é incluir o negro no sentido do que seja ser brasileiro. É um tipo de afirmação e reivindicação construída a partir de uma negação ou um não reconhecimento de que os sentidos de ser negro não pertencem aos sentidos de brasileiro. Pode-se considerar que para a posição sujeito do negro ser brasileiro é algo positivo em que ser brasileiro possui uma historicidade europeizada.

A questão da identidade/identificação ainda passa pela representação discursiva religiosa cristã como na unidade de sentidos do enunciado (82) “é ser primeiro filho de Deus”. Há um sentido de sobreposição, uma condição de ser negro que se desloca das relações da ordem do político para a ordem da religiosidade. O sujeito se representa em primeira instância no discurso religioso cristão em que “todos são iguais perante Deus”, em que há um sentido de indiferença em relação às questões identitárias como gênero, etnia etc. Ser igual é em alguma medida silenciar as diferenças dos sentidos fenotípicos da posição do sujeito quer na ordem do político, quer na ordem do cotidiano.

Considerando a historicidade dos sentidos de ser negro, pode-se considerar também que há uma reivindicação de pertencimento ao cristianismo pelo que representa de sentidos positivos para os sujeitos, pois, silencia também a discursividade das religiões de matrizes africanas que ao longo da história e ainda contemporaneamente são significadas com negativamente. Nesse sentido, ser “filho de Deus” em primeira instância, de alguma forma é também esquivar-se de toda uma problemática das relações na ordem do político, pois, na ordem da religiosidade há uma imposição de sentidos de tolerância, de conformismo, de naturalização e de recompensa pela posição que se assume. É em alguma medida aguardar que o “pai” resolva todos os problemas dos “filhos”.

Nesse sentido, relegar a representação discursiva de ser negro para a segunda instância – primeiro ser “filho de Deus” antes de ser negro - deslocando da ordem da religiosidade - em que o “pai” resolverá tudo - para a ordem do político, marcada pela tensão em que o sujeito para se enunciar e se afirmar necessita fazê-lo de lugares tensos. Assim, se representar primeiro no discurso religioso cristão é silenciar todo um conflito em torno dos sentidos da identidade/identificação do negro. Esquivar-se da ordem do político em primeira instância

é inscrever em espaço de um debate de enfrentamento e assumir uma posição na ordem do político.

No enunciado (102), a unidade de sentido “sei que não sou branca não tem nem o que questionar” pode-se considerar que há um reconhecimento de si pelas características fenotípicas - “sei que não sou” - em relação ao seu outro - “não sou branca” -. O reconhecimento de si é a partir de seu outro, não é um movimento interno de autoreconhecimento, uma forma de ser representar, mas é a partir de seu outro que o sujeito assume de forma tensa marcada pela sequência “não tem nem o que questionar”. Há um deparar-se com a materialidade da corporeidade como se ela por si só revelasse algo de sua identidade/identificação. Assim, ser negro é em oposição ao ser não-branco com instâncias estanques de sentidos tanto que encerra qualquer possibilidade de questionamento sobre quem é quem na relação identitária.

No enunciado (103), a unidade de sentidos “ser negro para mim é ter o direito que as outras pessoas têm” é um reconhecer que sua representação identitária não se constitui em qualquer ou em todos espaços sociais e políticos de representação. Nisso há uma reivindicação de se colocar em condições de igualdade na ordem do discurso do

Estado, quem pode garantir na forma da lei direitos iguais, o que não quer dizer na mesma instância e com os mesmos sentidos. Ao reivindicar “direito” igual assume-se que a questão identitária é um diferencial de direitos na ordem do político. Ser negro está em defasagem de sentidos o que implica em direitos também.

Em (139) “negro é a raça afro-descendente é se da família de negros”, tem-se duas unidades de sentido: “negro é a raça afro-descendente” e “é se da família de negros”. Na primeira unidade de sentido reconhece sua representação marcada por uma historicidade além do espaço físico e geográfico do Brasil. É um assumir-se que se é negro enquanto negro, pois o recobrimento de sentidos: “sou negro descendentes de um continente de negros, o Africano”.

Já na segunda unidade de sentidos “é se da família de negros” se constitui de uma explicitação, confirmação de ser negro, uma vez que pertencer a uma “família” é fazer parte de um grupo específica que exclui o seu outro, o não-negro que é originário de outra família, de outro lugar: “continente europeu, família dos brancos”. A unidade de sentidos possui um efeito de confirmação e de imposição diante do seu outro, o não-negro.

Representação Fenotípica

(17) “cabelo ruim, boca grande, bunda grande, mão grande, etc. ... característica de negros hoje em dia todo mundo tem”;

(155) “cabelos crespos e pele escura o povo já me chame se gde Negona ou Negra se pequena Neguinho ou Neguinh”.

De acordo com Orlandi (1999) a “linguagem” é mediadora entre o homem e o mundo natural e social; e de acordo com o Pêcheux (2002) o “real”

é o impossível, o sujeito se depara com o real, não se pode abarcar o real, ao se deparar com o ele o que se tem é a realidade, pois, o homem é um sujeito que se constitui na/pela simbolização. Nesse sentido, os objetos do mundo e os fatos sociais são representados/constituídos no/pelo discurso, considerando que os sentidos são constituídos nas formações discursivas que os representam, pois o próprio de toda formação discursiva é dissimular pela transparência dos sentidos as relações tensas daqueles que nelas se constituem. Assim, os sentidos constituídos nela se impõem enquanto “lei” e “evidência” nas relações com os objetos do mundo, com fatos e com o próprio discurso, considerando os objetos e os temas que o constituem.

Essas considerações em alguma medida servem para que se possa abordar o discurso da representação fenotípica do negro, pois a questão que se coloca é como diante de um conjunto de traços e traços “materiais” de si mesmo são “lidos” e significados nos/pelos discursos. Essa forma de ler, de forma geral, são consensuais onde todos sabem do que se trata, pois possui uma “grade” de leitura que possibilita significar os sentidos do objeto do mundo e como ele se apresenta enquanto tal. A título de exemplificação, todos sabem o que é um carro, o que é sol, as características tonais das cores (branco, azul, vermelho, preto etc.), o que é homem, o que é criança, o que é o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - etc. Mais do que isso, dependendo das condições de produção dos discursos e das formações discursivas, os sentidos são diversos, mas não *ad infinitum*.

Discursivizar sobre a representação fenotípica de si, assim, é considerar a relação constitutiva das/nas condições históricas de produção dos discursos da posição sujeito do negro e a do não-negro: debate sobre políticas afirmativas em que as cotas para negros nas universidades públicas cada vez mais estão sendo implantadas, ou seja, assumidas na ordem do Estado. Assim, os enunciados (17) e (155) representa discursivamente o que o negro concebe a si na medida que essa concepção é também o discurso do não-negro sobre o negro.

Em (17) destacamos a unidade de sentido “cabelo ruim, boca grande, bunda grande, mão grande, etc.” são traços representados discursivamente já significados negativamente em relação à representação discursiva fenotípica europeia. Esse conjunto de traços físicos assim significados não é apenas a forma de qualificar o negro, mas é um tipo de qualificação marcada pela historicidade de uma relação de dominação europeia em que o oprimido e explorado foi/é denesignificado, in-significado como inferior e não como diferente. Os sentidos de inferioridade visam deformar o oprimido e explorado como forma de marcar uma posição de superioridade e exploração sobre ele, sentidos que também acabam por prendê-lo – o negro - nesse discurso a tal ponto de negar a própria materialidade corpórea ou a origem geográfica e genética. O discurso de negação de si produz efeitos significativos na forma que o negro se significa. A título de exemplificação, segue um conjunto de enunciados:

- (10) “me senti e realmente entendi que sou negra e tenho valor”;
- (12) “não, só a raça, agora em sinto negra realmente e com muito orgulho”;

- (16) “sim, tem vergonha se ser negros”;
 (19) “sim, pois não tem como fugir disso”;
 (23) “com ar de inferioridade, como se os cotistas fosse inferior, “ah! Você é cotista?””;
 (24) “sim, melhorou me sinto realmente negra”;
 (74) “sim, [as cotas] ajudam-nas a se assumirem se verem como negras descendentes”;
 (78) “não. Primeiro eu mesmo não me acho achava negro, depois sou mais reservado com relação aos movimentos”;
 (80) “sim, pois muitas (vezes) vezes nós mesmos temos preconceito de nós mesmos. Eu sou negro e ponto”;
 (84) “sim, até por que muitas vezes temos medos de nós colocar como negros. Fica numa situação como se nós fôssemos privilegiados”;
 (87) “sim, pois foi me no meu caso, eu tinha dúvida de minha cor ou raça”;

O discurso sobre os traços fenotípicos de como o não-negro representa o negro também diz respeito aos espaços de circulação social, o que esteticamente⁴ deve pertencer à ordem das positivities sociais que definem o estatuto, o tipo de relação social, relação afetiva, relação de poder que percorre desde as relações na ordem do cotidiano até a ordem do político.

A forma que o negro se representa é constitutiva da forma que o outro o representa, nisso reside a tensão social de sentidos. O sujeito procura se esquivar daquilo que é negativamente “aceito” ou “imposto” na relação de poder decidido na luta de classe. Quem possui o poder social, em grande medida imprime os valores, sentidos, símbolos, discursos, configura as formações discursivas, “verdades” de seu grupo social ou de sua classe sobre o outro na relação de alteridade.

“Cabelo ruim, boca grande, bunda grande, mão grande etc. ...” não marca apenas uma diferença fenotípica no contato de grupos sociais distintos, marcam sobretudo quem nesse “encontro” – a invasão do europeu nos diversos continentes - e relação “venceu” e subjugou o outro. O que marcaria a diferença é a existência “determinada” pela historicidade de cada grupo considerando sua trajetória de estar no mundo em relação ao clima, ao tipo de alimentação, a altitude em relação ao nível do mar, ao tipo de adaptação ao espaço ao meio ambiente e enfim, a produção cultural e espiritual (Ver o documentário *A Origem do Homem*).

Assim, a categoria discursiva “ruim” não diz respeito a uma descrição: liso ou crespo, mas sim um atributivo negativo ao sujeito e ela se refere ao lugar social que ele ocupa. Não é sem propósito que os negros ainda hoje na tentativa de esquivar-se desses sentidos alisam o cabelo tornando-se liso, ou seja, “bons”

4 Apenas citar, a quantidade de revistas tipo magazine para a população sempre foi insignificante e muitos momentos havia total ausência. O mesmo se diga produtos cosméticos de beleza. Também não pode esquecer o tipo de participação em novelas, filmes, peças de teatro, agências de beleza, comerciais. Somente com as políticas afirmativas pode-se perceber uma sutil transformação, mas ela parte do discurso do Estado e não de uma pressão popular.

para assemelhar-se ao de seu outro. Alisar o cabelo é inserir um suposto espaço de “bondade”.

A categoria “grande” refere-se a uma forma que não é supostamente acima do normal ou apenas diferente, mas a uma característica pejorativa, algo fora da normalidade estética do discurso da classe dominante em que “grande” está fora dos padrões da classe dominante, branco europeizado.

No entanto, mesmo que o sujeito em sua corporeidade possua traços fenotípicos e eles marcam uma certa origem geográfica e genética da posição de negro, isso não é o suficiente para o sujeito se reconhecer como negro, por que o que está em questão é a representação social e política que o negro e o não-negro constroem no jogo de forças políticas e simbólicas, nas arenas das formações discursivas e imaginárias. Isso é importante considerar que no jogo de identidade/identificação há uma pressão social sobre/nos sujeitos (do não-negro sobre o negro, do negro sobre o próprio negro) a busca de identidade/identificação positiva de certa forma indiferente aos traços fenotípicos. Mais uma exemplificação, agora vinda do discurso do senso comum: “negro de alma branca”, “é negro mais é limpinho e asseado”.

Já a unidade de sentidos “característica de negros hoje em dia todo mundo tem” do enunciado (17), na sequência do enunciado marca um efeito de explicitação da unidade de sentido anterior – “cabelo ruim, boca grande, bunda grande, mão grande, etc. ...” - e ao mesmo tempo um sentido de reconhecimento de um traço de identidade/identificação do brasileiro, pois, o sentido de “hoje” marca a temporalidade que não silencia a tensão, mas trás a tensão, pois se “hoje” assume-se ou reconhece os sentidos de negro, pressupõe que havia outros sentidos em que se negava ser negro e que ainda se nega. Marca ainda que mais do que reconhecer os sentidos dos traços fenotípicos, expõe a miscigenação entre negros e não-negros que desde a invasão dos portugueses no Brasil ainda não cessou de acontecer. Se no início acontecia pela violência dos estupros nos navios negreiros, em seguida na senzala, depois nos quartinhos de empregadas, hoje ainda a miscigenação não se dá com sentidos estabilizados na ordem do político e do cotidiano.

Afirmar que “todo mundo tem” as “características de negro” é o reconhecimento que elas estão em outra ordem de significação, elas não são exclusivamente da identidade/identificação de negro. É o discurso da medicina que atravessa o discurso da identidade/identificação para deslocar o sentido de negro.

No enunciado (155) pode-se destacar as unidades de sentido (a) “cabelos crespos e pele escura”; (b) “o povo me chama de gde Negona ou Negra se pequena Neguinho ou Neguinh”. Em (a) pode-se perceber uma não aceitação, uma resistência dos sentidos do não-negro e dos sentidos de si próprio – quando este assume o discurso do não-negro -, pois “cabelos crespos” não é o mesmo que “cabelo ruim” (enunciado (17)), há um processo de deslocamento na redescrição ou releitura que já se configura em uma outra posição sujeito, pois “crespo” se opõe ao liso e nego o “ruim”.

“Pele escura” também é um recorte de uma totalidade como se não fosse o todo, apenas a “pele”. Considera-se ainda que “pele escura” é uma negação parcial de sentidos de “negro ou preto”. A palavra “escura” de alguma forma se apresenta menos carregada na ordem do político, marca menos uma negatividade de sentidos históricos. De novo é o gesto da tentativa descritiva de reconfigurar a questão fenotípica sem negar os traços físicos. É a busca de uma nomenclatura supostamente “neutra”. Assim, pode considerar a unidade de sentido em (a) é um olhar sobre si, mas um olhar ressignificativo naquilo que exclui o discurso do outro e ao mesmo tempo se apresenta com estes sentidos diante do outro.

Já unidade de sentido (b) “o povo me chama de gde Negona ou Negra se pequena Neguinho ou Neguinh”, é um discurso do outro sobre si. Destaca-se que o sentido de “o povo” não é necessariamente o mesmo que “todo mundo” de forma indistinta, como se fosse negros e não-negros igual a “povo”. O sentido de não-negro é deslocado em “povo”. Na sequência da unidade de sentido “me chama de gde Negona ou Negra” Essas práticas discursivas se constituem no discurso do senso comum com maior frequência entre iguais da mesma posição discursiva, ou seja, entre os próprios negros ou ainda negros e não-negros cujas relações sociais se marcam por um certo tipo de relacionamento de proximidade.

Pode-se observar na sequência a expressão “Neguinho ou Neguinh”, elas marcam o seu enunciatário, o não-negro. O uso do diminutivo de forma geral marca um discurso de afetividade em relação ao enunciatário, no caso do negro, é uma forma de reconhecer os sentidos e ao mesmo diminuir nas relações cotidianas a tensão dos sentidos negativos, ou seja, posição de negro ou de negra em que há um tipo de afetividade em relação ao outro, o não-negro. Pode-se também considerar que o gesto do sujeito da enunciação ao uso da maiúscula marca sobre si não como o outro lhe significa, mas ele deveria significá-lo, assim a palavra negro ou negro como substantivo próprio, desloca-se para deixar de ser comum pelos sentidos negativos e próprios com sentidos positivos.

As características fenotípicas dos enunciados (17) e (155) por si só não são evidentes pela materialidade física, a evidência que se coloca é a dos sentidos produzidos nas relações na ordem do cotidiano ou na ordem do político. Há um recobrimento de significação sobre/no real que se simboliza em realidade, assim a fenotipicidade é “lida”, “percebida” e “interpretada” como tal, mas o que não quer dizer significada como tal, o caráter fenotípico e sua materialidade física se recolhe para o segundo plano de evidência e que sobressai para o primeiro plano – isso não sem tensão -, o que constitui a realidade para o sujeito e sua prática, é a realidade dos sentidos que sobressai, é a realidade de sua identidade/identificação na luta de classe, mesmo que não evidente em si.

Representação Tensa de Ser Negro

(19) “sim, pois não tem como fugir disso”;

(74) “sim, [as cotas] ajudam-nas a se assumirem se verem como negras descendentes”;

- (87) “sim, pois foi ~~me~~ no meu caso, eu tinha dúvida de minha cor ou raça”;
 (119) “olha o que existe é uma grande confusão em relação a ser negro ou não”;
 (146) “com certeza pois antes das cotas “todos” se consideravam não negros”;
 (150) “muitas pessoas se achavam brancas, mas quando começaram a ler [sobre as cotas] sobre este assunto mudaram à sua concepção”;
 (157) “há pessoas pardas que jamais se consideram como negra”;
 (171) “sim, ele está assumindo a sua realidade”.

Ao longo das análises há uma ênfase em que os sentidos são definidos e estabelecidos tensamente, ou seja, os sentidos se estabelecem e se constituem tensamente no bojo das relações sociais e políticas. Nesse sentido, eles se apresentam e representam no jogo das disputas e interesses sociais: o sentido é uma arena de disputa.

A discursividade das políticas afirmativas e as ações históricas reivindicatória dos movimentos populares nas últimas décadas vêm desestabilizar os sentidos de ser negro, em particular o discurso das cotas nas universidades públicas e em concurso público nas instâncias federais e em alguns estados e municípios.

Para que os sentidos de ser negro se desloque, é necessária que haja uma tensão de desestabilização das posições vigentes, uma desestabilização que perturbe as redes de memória, uma desestabilização que no embate da memória com o acontecimento, “novos” sentidos gradativamente se sobreponham ou se reconfigurem quer na ordem do cotidiano, onde reside sua maior expressividade de sentidos do centramento no “eu” em relação com a ordem do político. Não basta a resignificação “pura” e “simples” na ordem do político ou do Estado se não demandar efeitos de sentidos na ordem do cotidiano. É possível afirmar que toda resignificação, deslize ou deslocamento desestabiliza determinada ordem que procura se estabilizar de novo.

A discursividade das cotas vindo da ordem do político desestabiliza a ordem do cotidiano gradativamente, interpela o sujeito para uma “nova” posição histórica (ocupar espaços sociais, representação identitária “positiva” e assumir uma nova posição sujeito). A tensão se coloca exatamente porque o movimento e o gesto vêm da ordem do Estado para a do cotidiano e não do cotidiano para o Estado como o MST e outros movimentos populares de reivindicações históricas na luta por direitos sociais.

A tensão está em ocupar essa nova posição sujeito na medida em que um sentido se desestabiliza, um outro ocupa o seu lugar ou esse lugar se reconfigura ou ainda se desloca. É esse deslocamento/reconfiguração tenso que se verá nas análises a seguir.

É possível constatar as tensões nas unidades de sentidos dos enunciados. Em (19) “não tem como fugir disso [ser negro]” há um reconhecimento de sentidos si, de sua posição sujeito de negro, há uma constatação de si que é negada, no entanto o sujeito assume o sentido de negro pela pressão das condições de produção do discurso (“não tem como fugir”). O uso do pronome “disso” no

lugar da sua referência “negro” já uma forma de “fugir” dos sentidos de negro que se quer esquivar.

O sentido do verbo “fugir” é significativo na medida em que não se trata de algo ou de alguém, mas “fugir” de marcas corpóreas de si e o que ela significa. É um assumir-se pela pressão dos sentidos em questão ou disputa, sentidos impostos pelo outro que pode ser o negro ou o não-negro.

Em (74) “ajudam-nas [as cotas] a se assumirem” é o sentido das cotas pressionando e desestabilizando o sentido de ser negro para ocupar uma outra posição. “Ajudar” e “assumir” já pressupõem algo em processo, uma tensão anterior, o discurso das cotas vem pressioná-lo ainda mais. O sujeito se move, é impelido para uma relação entre aquilo que se refere a ser negro e aos “novos” sentidos de negro. Seria um encontro da relação corpórea de negro com os sentidos de negro positivamente. É um “encontro” mitigado na medida que negro é ressignificado positivamente.

Em (87) “eu tinha dúvida de minha cor ou raça” pode-se constatar as marcas corpóreas não são o suficiente para se reconhecer como negro. A unidade de sentido representa bem a tensão com o uso da palavra “dúvida”, ela significa indecisão de sentidos sobre os sentidos de sua corporeidade ou posição sujeito. Já o uso de “cor ou raça”, a indecisão é a questão da nomenclatura para se referir a um tipo de característica fenotípica: “cor” se refere à tonalidade da pele, apenas uma das marcas da corporeidade negra, e “raça” muito embora seja um termo questionado e sendo cada vez mais menos usado, carrega em si uma negatividade. O termo que vem sendo mais corrente é etnia. O próprio uso ou indecisão é uma marca da tensão, uma disputa de sentidos.

Em (119) “existe é uma grande confusão em relação a ser negro ou não”. A palavra “confusão” relacionada a “ser negro ou não” demonstra a instabilidade de reconhecimento de si. Estar “confuso” entre os sentidos sobre a própria corporeidade é ainda o efeito da negatividade do discurso do não-negro, é de uma forma “sentir” o efeitos de sentido de um outro discurso em questão, o discurso das cotas.

Na unidade de sentido (146) “antes das cotas “todos” se consideravam não negros” há uma explicitação do efeito de sentido do discurso das cotas sobre a posição sujeito. O pronome ““todos”” inscrito produz um deslocamento ao promover um recorte na totalidade de sujeitos expresso no pronome. “Todos” se referem apenas aos negros, considerando as diversas tonalidades da cor da pele, pois, quanto mais clara a tonalidade de negro, de forma geral, mais a possibilidade de tensão de sentido pode ser maior em assumir a posição de negro. O discurso das cotas em alguma medida produz efeito de sentido para sujeitos ocupar a posição de negro na relação com a corporeidade.

Em (150) “muitas pessoas se achavam brancas” a palavra “branca” marca não necessariamente o sentido de branco europeizado, mas sim o sentido de uma tonalidade negra clara, ou seja, caracterizado no discurso do senso comum como de moreno claro ou pardo. Dependendo do espaço social e as condições de produção do discurso, a tonalidade negra clara passa por branca europeizado.

O uso da palavra “pessoas” equivale a negros, ou morenos claros ou pardos. O deslocamento de sentido é uma estratégia de se esquivar do uso da palavra “negro ou negra” naquilo que possui de tensão de sentidos.

Em (157) “há pessoas pardas que jamais se consideram como negra”, na unidade de sentido pode-se destacar um dos aspectos da historicidade dos sujeitos que possui na sua corporeidade a tonalidade da cor da pele clara. Uma das questões que é possível destacar que se a tonalidade é mais clara, isso representa que há nas práticas dos relacionamentos “afetivos” entre pessoas negras e não-negras a efetivação da reprodução, no entanto, isso não garante que os filhos se reconheçam como negros mesmo tendo o pai ou mãe características fenotípicas de branco europeizado ou pardas.

Um dos efeitos de sentidos é a negação, no entanto, pode-se considerar por se representar discursivamente enquanto “pardas” a possibilidade de tensão é menor. É importante ressaltar que o moreno escuro ou pardo na historicidade do Brasil no discurso do senso comum e no Estado é um tipo de categoria “distinta” de negro e não-negro. Isso pode ser confirmado nas certidões de nascimento onde se registra o que os pais declaram no cartório.

Pode-se destacar o uso do verbo “considerar” como um movimento interno ao sujeito cujo efeito é “aceitação” e reflexão de determinados sentidos e não outros. O sentido de “considerar” é menos tenso dada a própria relação de representação do sujeito consigo e as condições históricas de produção dos discursos. Não há necessariamente um “confronto” tenso entre a corporeidade e os sentidos sobre a tonalidade parda o que não acontece com sujeito cuja tonalidade mais escura. Assim, a unidade de sentido produz efeitos em que o sujeito se constitua no limite representacional entre negro e não-negro.

A unidade de sentido de (171) “ele está assumindo a sua realidade” pode-se destacar que o verbo “assumir” no gerúndio expressa movimento, um movimento contínuo, no entanto, enquanto efeito de sentido, é um movimento do sujeito, movimento tenso em relação a algo que lhe apresenta como uma imposição, essa de sentidos que é negado pelo sujeito e deveria assumi-los. Esse “assumir” está relacionado ao discurso identitário, a representação de sua corporeidade histórica em relação ao seu outro, o não-negro. Considerando que o movimento do sujeito pode ser progressivo ou gradativo, isso implica que o “assumir-se” se configura em mudança de posição sujeito, uma desestabilização de sentido à medida em que outra se constitui.

A palavra “realidade” é o objeto ou objetivo para o qual o sujeito deve se deslocar para “assumir” a sua “realidade”. A questão é saber o que representa essa “realidade”. O que seria a “realidade” que ele se esquivava, mas que, no entanto ele caminha para ela. Pode-se considerar que é a representação identitária do sujeito, e os sentidos de “realidade” do próprio sujeito é a sua própria corporeidade, aquilo que embora seja representação de sentidos, mas não há relação direta com os sentidos e a corporeidade. No entanto, há uma pressão de resignificação de sua “realidade” vindo de um movimento externo ao sujeito para que ele possa assumir.

Assim, a unidade de sentido marca necessariamente uma tensão considerando as condições de produção dos discursos.

Pode-se constatar nas análises algumas questões, a representação discurso do negro, dada a sua historicidade é marcada pela tensão dos sentidos que regem as práticas e discursos dos sujeitos sobre si e sobre o seu outro.

A corporeidade de ser negro não se constitui um “fator” determinante no que diz relação à identidade/identificação, pois a identidade reivindica um espaço de prática, no entanto, não basta reivindicar, ela precisa se legitimada pelo seu outro, só há reivindicação de identidade/identificação na medida em que se coloca em relação ao seu outro. Esse embate de reivindicação e atribuição é tensa e representa uma disputa nos espaços sociais. O representar a si mesmo implica que o outro também lhe confira sentidos que se está reivindicando, pois é o outro em alguma medida que lhe legitima com sentidos e significados que são sempre tensos.

Considerações

A representação discursiva de si e do outro é uma questão de disputa de sentidos, na mesma medida que a “identidade é um movimento na história” (ORLANDI, 1999b), marcado pela tensão da existência e persistência material dos sentidos que estão sempre em relação com outros circunscrevendo um espaço de enunciação. A questão identidade do negro não diz respeito apenas como ele se significa, mas como o outro o significa também. Uma das considerações possíveis de elaborar a partir das análises é que na tensão dos sentidos, a discursividade do não-negro tem se imposta, não sem resistência, sobre o negro e esse assumindo-o de diversas formas, desde as práticas discursivas até as não discursivas. No entanto, os sentidos silenciados, oprimidos, presos, interditados ou mesmo aqueles que são esquecidos por vezes rompem a “tampa do baú da história” e reivindica uma “nova” inscrição na ordem do discurso, que do cotidiano, quer do político.

Essa reivindicação tente a destabilizar não apenas no jogo das identidades ou significações seu espaço de “positividade”, mas propor sentidos não apenas para si, que já se constitui em fazer sentidos estabilizados de si “ranger” como “dor”, e para o outro, o que implica em um recuo de sua posição em relação ao outro, não como uma oposição de embates de oposição, negro contra não-negro, mas reconfiguração de valores, práticas que não se constitui como um “ranger de dor”, mas uma mudança de posição sujeito com tudo que essa mudança possa significar.

Este espaço, aberto pelo discurso das cotas, de “ranger de dor” para o negro em sua reivindicação é tenso para consigo mesmo, o que não é para o outro, não-negro. Isso porque a posição do negro não é sobrepor o outro em conflito em que um dentre derrotar mesmo competir enquanto posições de inimigos.

Se vislumbrarmos um olhar para as práticas não discursivas, o negro e o não-negro não estão em embate corpóreo e forma explícita – como o ataque aos homossexuais -, embora ela possa existir esporadicamente ainda que de forma velada, pois o negro ainda é sempre suspeito, no discurso cotidiano ou do

institucional, a tensão se dá nos sentidos e a medida que a reivindicação de si, de sua positividade “avança” no debate, nas discussões enquanto espaço democrático de enunciação, há recuos e resistências dos sentidos, mas se o discurso de que o discurso e práticas racistas são aprendidas, é possível considerar o recurso dos discursos racistas e práticas se darão pelo “desaparecimento” físico do sujeito que ocupa essa posição, o que implica que as futuras gerações já se deparam não com sentidos racistas pétreos, mas com sentidos em processo de ressignificações com o negro discursivizando de si e sobre si mesmo.

Referências

- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 4 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. A Análise do Discurso e seus Entremeios: nota e sua história no Brasil. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas-SP: No. 42, Jan/Jun 2002. Pp. 21-40
- _____. **Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas-SP: Pontes, 2001.
- _____. **Discurso e Leitura**. 3 ed. São Paulo-SP: Cortez e Editora da UNICAMP, 1996.
- _____. **A linguagem e seu Funcionamento**. As formas do discurso. São Paulo-SP: Brasiliense, 1983.
- _____. A Leitura Proposta e os Leitores Possíveis. In: **A Leitura e os Leitores**. Campinas-SP: Pontes, 1998. Pp. 7-24
- _____. **Análise de Discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes, 1999.
- _____. **Discurso Fundador** (a formação do país e a construção da identidade nacional). Campinas-SP: Pontes, 1993.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 3 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- RODRIGUES, M. L. **MST: discurso de reforma agrária pela ocupação** (acontecimento discursivo). UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado em Estudos Lingüísticos. Campinas-SP, 2007.
- _____. **Discurso Sobre a Representação Identitária do Negro Cotista da UEMS**. Tese de Pós-Doutorado. IEL-UNICAMP-SP, Campinas-SP, 2011. Mimeo.

